



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9239 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

O Papel Político dos Pré-vestibulares populares e o acesso de mulheres negras e das classes populares à Universidade Pública

Adrielle Karolyne de Sousa Lisboa - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

O Papel Político dos Pré-vestibulares populares e o acesso de mulheres negras e das classes populares à Universidade Pública

Resumo:

O presente trabalho apresenta questões e reflexões construídas a partir de uma pesquisa de mestrado finalizada durante a epidemia da COVID-19, que objetivou investigar trajetórias escolares e processos formativos que impulsionaram um grupo de quatro mulheres negras das classes populares, ex-estudantes do Pré-vestibular Popular Pedro Pomar (PVPPP), a lutar pelo acesso à universidade pública. O processo investigativo problematizou a luta do PVPPP pelo direito à educação e sua relação intrínseca com as lutas históricas dos movimentos sociais negros por uma *educação como prática de liberdade* (FREIRE, 2014). O Pré-vestibular Popular Pedro Pomar é compreendido como um espaço de formação político-pedagógica, inspirado por uma pedagogia anticolonial, libertadora e insurgente, tendo como perspectiva política e epistemológica a Educação Popular (HOOKS, 2017; ARROYO, 2012; ESTEBAN; TAVARES, 2013). A Educação Popular foi compreendida durante o trabalho como uma concepção de educação que busca articular os diferentes saberes e práticas dos estudantes das classes populares, problematizando o capital cultural e educacional hegemônico, partindo de experiências das estudantes negras investigadas.

Palavras-chave: Movimentos Sociais. Educação Popular. Trajetórias de mulheres negras.

Introdução

A pesquisa em tela dedicou-se a apresentar o levantamento, a compreensão e a problematização da trajetória de quatro mulheres negras oriundas de classes populares, que estudaram, participaram/participam ativamente do Pré-vestibular Popular Pedro Pomar (PVPPP), um movimento social urbano que, historicamente, configura uma luta pelo direito à educação superior no Estado do Rio de Janeiro.

Inspirado por Paulo Freire (2014), o coletivo do PVPPP vem constituindo-se num lugar de encontro, de aprendizagens políticas, pedagógicas, éticas e estéticas. Um lugar de encontro em que não há ignorantes, nem sábios, mas sim sujeitos históricos e políticos em comunhão.

No desenho teórico-metodológico da pesquisa, o objetivo geral foi investigar as trajetórias escolares de um grupo de mulheres negras, ex-estudantes do PVPPP, e as variáveis que as fizeram permanecer nesse espaço de formação, com o qual compartilharam a luta pelo ingresso nas universidades públicas do Rio de Janeiro.

Assim, as questões de estudos que nutriram e orientaram a pesquisa buscaram compreender e problematizar, por meio de entrevistas compreensivas (KAUFMANN, 2013) e *escrivências* (EVARISTO, 2016), quais foram os processos formativos e sociais que impulsionaram esse grupo de mulheres negras dos setores populares a ingressar nas universidades públicas.

A experiência do Pré-vestibular Popular Pedro Pomar: educação popular e lutas pelo direito à educação

Do ponto de vista de sua concepção pedagógica, o PVPPP intenciona compreender e investir nas lacunas deixadas durante todo o processo de escolarização formal dos/as estudantes, com solidariedade e amorosidade. No projeto, procuramos potencializar a “leitura de mundo”, isto é, as experiências produzidas pelos/as jovens nas famílias, nas igrejas, no mundo do (não) trabalho, nos encontros intergeracionais nas favelas e bairros populares, e, principalmente, nos movimentos sociais do quais jovens do PVPPP participam ativamente.

As intenções e os objetivos políticos e pedagógicos do PVPPP não se resumem apenas à aprovação no vestibular, à medida que o seu principal objetivo é a formação humana e política ampliada dos/as estudantes, coordenadores/as e professores/as que participam do projeto. Esse objetivo eminentemente político implica discutir, com docentes e discentes, as desigualdades sociais, raciais, educacionais e de gênero que permeiam a sociedade brasileira, e que se revelam fortemente no interior das escolas e da universidade pública, de modo geral.

No entendimento da filósofa negra bell hooks (2017, p. 13), a educação só pode ser libertadora “quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar”. Ou seja, um trabalho educativo pensado como um trabalho coletivo, como o PVPPP vem buscando produzir em seu percurso durante 25 anos. Um caminho de lutas pelo direito à educação como formação humana, que seja posicionada contra todo e qualquer tipo de opressão.

Para hooks (2017), se a educação é uma prática da liberdade, alunos não são os únicos convidados a partilhar. Na busca da educação enquanto prática de liberdade, de partilha e solidariedade, edificada por meio de diálogo e amorosidade, a existência é produzida coletivamente, aprendendo todos a cooperar, resistindo à desumanização que nos cerca, exercitando o estudar, o estar junto como um lugar de criação, criatividade e cuidado.

A contribuição política e social do Pré-vestibular Popular Pedro Pomar: um olhar sobre seus objetivos e práticas

As trajetórias escolares investigadas foram compreendidas sociologicamente (LAHIRE, 1995) como um caminho que se (re)constrói permanentemente. A partir disso, propomos (re)significar a palavra trajetória, que despontou na física e é muito utilizada em estudos de balística. Em contrapartida, ao contrário do trajeto da bala que, fisicamente ou simbolicamente, atinge toda a nossa existência indo de encontro aos corpos negros, do mesmo modo que as mazelas deste país, nesta pesquisa evidenciamos trajetórias

outras para mulheres negras no PVPPP.

Através do procedimento metodológico de escutar as mulheres da pesquisa a partir de uma escuta sensível (BARBIER, 1993), ancoradas no que Kaufmann (2013) define como entrevista compreensiva, estabelecemos um diálogo com as ex-estudantes e coordenadoras do projeto, de modo que pudessem ser compreendidas e contextualizadas as motivações, os desafios e os encontros solidários que atravessaram, de alguma forma, as trajetórias individuais e principalmente coletivas das mulheres negras vinculadas à pesquisa.

No processo da escrita, nos defrontamos com o desafio de trazer a *escrevivência* (EVARISTO, 2016) como um dispositivo escritural visceralmente implicado, que tem buscado reposicionar a narrativa de mulheres negras. Portanto, nesse processo, compreendemos a fala como um lugar social profundamente marcado pela intersecção de diferentes marcadores sociais, como raça, classe e gênero, contexto social, idade, entre outros. Com isso, utilizamos a *escrevivência* como uma escrita que inaugura um pensamento decolonial e, a partir disso, um outro lugar para todas nós, mulheres negras, onde a nossa vivência e escrita são inseparáveis.

O fato de as mulheres negras entrevistadas terem sido escutadas por uma também mulher negra, que estudou e faz parte do PVPPP, foi muito significativo para a nossa dialogicidade. Devido a essa relação, foi possível, durante as conversas, estreitar e ultrapassar as barreiras do silenciamento, ainda muito presente na vida de nós, mulheres negras. Nossos diálogos foram estabelecidos a fim de compreendermos nossas percepções do mundo, partindo da relação política e visceral com o PVPPP. Para Paulo Freire (2014), para que haja uma comunicação eficaz, é imprescindível que estejamos dispostos a conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do outro, dialeticamente, se constituem. Portanto, nosso diálogo foi ancorado na sensibilidade, buscando mergulhar e compreender o mundo a partir da perspectiva do outro, ação que requer proximidade e confiança. Foi uma escuta além do sentido da audição, isto é, uma escuta sensível (BARBIER, 1993) que perpassou todos os nossos sentidos.

Para bell hooks (2017), a prática do diálogo é uma das formas fundamentais que nós, professores/as, acadêmicos/as e pensadores/as críticos/as, temos a possibilidade de utilizar para atravessarmos as barreiras que podem ser erguidas pela raça, classe, gênero e outras incontáveis clivagens sociais. Portanto, foi proposto um diálogo entre pares que nos encorajou a tomar posse da palavra, parte de uma construção coletiva, o que, para Paulo Freire (2014), é um caminho para uma educação libertadora.

Após as entrevistas, investigamos os traços que ora entrelaçam, ora distanciam as mulheres negras desta pesquisa, considerando suas trajetórias escolares, estrutura familiar, inserção profissional e suas perspectivas políticas, sociais e econômicas. As trajetórias escolares das 4 ex-estudantes do PVPPP estão marcadas por suas origens sociais, suas relações de gênero e de raça. São mulheres, mães e trabalhadoras que contaram sobre suas lutas desde as infâncias para formulação de estratégias de sobrevivência e manutenção nos espaços formais de escolarização.

Os fios urdidos das trajetórias investigadas exemplificou a árdua tarefa que é acessar e permanecer em espaços escolares. É possível notar que os obstáculos que dificultaram a permanência das entrevistadas aparecem desde a tenra infância, quando elas falaram de suas lembranças transpassadas de ausências básicas, como, por exemplo, quando uma das entrevistadas traz a escola como espaço de acolhimento alimentar.

[...] Mas a gente passou muita dificuldade, a gente já chegou a passar fome. A fome é algo que dói muito. A ponto de você depender de comida de escola, assim. Ir para

escola pra você almoçar. E a gente às vezes saía pra catar comida na rua. Ia à igreja pra pegar pão (D. Maio de 2019).

A partir das entrevistas, foi possível compreender que as estratégias de permanência em espaços escolares, engendradas por essas mulheres negras das classes populares, estão diretamente relacionadas à solidariedade, que se inicia em suas famílias de origem, marcadas mais fortemente pela presença materna.

“É, a minha mãe é leiga, né. Analfabeta, ela tinha uma boa relação com a escola. Ela entendia que era importante ir para a escola.” (D. Maio de 2019).

“Minha mãe sempre foi uma mãe muito presente, então tipo, se ela tivesse que faltar trabalho para ir numa reunião de escola, ela faltava. Sempre foi uma mãe que cobrava à professora.” (C. Julho de 2020).

As entrevistadas pontuam a valorização e o apreço que mães das classes populares têm diante dos processos de escolarização de seus/suas filhos/as. As trajetórias registram e reafirmam que a educação formal é um lugar de desejo das populações negras de classes populares, pois a compreendem como possibilidade de mudança de vida.

Do ponto de vista de nossa pesquisa, mesmo diante da política de cotas, que busca subsidiar a inclusão da população negra e estudantes de escolas públicas nos espaços de ensino superior, observamos, nas falas das entrevistadas, esse lugar social que ocupam como universitárias, ponderando que, em suas famílias, elas foram as primeiras a obterem níveis mais altos de escolarização.

Para a minha família, terminar o ensino médio, principalmente sem reprovações era uma vitória, tendo em vista que a maioria não havia concluído o ensino fundamental. (A. Março de 2019)

Então, eu já pulei muito degraus da nossa realidade, porque dar continuidade aos estudos nunca foi algo que fez parte da minha família. Como eu disse, eu fui a primeira pessoa da minha família a terminar o Ensino Médio e a primeira a querer fazer uma faculdade. (C. Julho de 2020)

Diante do que foi apresentado, poderíamos nos questionar o que impulsionou estas mulheres negras a prestarem o vestibular, a quererem fazer uma graduação? Um dos motivos trazidos por elas é a ideia de a educação refundar oportunidades e se materializar em retorno financeiro, e que possa, posteriormente, mudar a realidade social na qual se encontram.

Assim, temos constatado que quando nós, mulheres negras, rompemos as barreiras sociais e investimos em educação numa tentativa de acessarmos espaços de poder, mesmo que ainda timidamente, percebemos as limitações presentes durante esse trajeto, vivenciamos a solidão de termos que deixar nossos pares pelo caminho.

Portanto, ao falar do enfrentamento político pelo acesso à educação superior, compreendemos que não estamos sozinhas, não flertamos com o individualismo, uma vez que a potente característica dos pré-vestibulares é não esquecermos a importância de entrarmos juntas nesses espaços, de irmos coletivamente e organicamente caminhando juntas.

Considerações Finais

Durante os seus 25 anos de atuação, do ponto de vista político e epistêmico o PVPPP se traduz historicamente por configurar um espaço educativo e político que tem possibilitado o empoderamento de jovens das classes populares que o procuram, seja como estudantes ou egressos, com o objetivo político de evolução social.

Após escutar atentamente as entrevistadas, ler e reler inúmeras vezes o material transcrito, suas *vozes*, foi possível compreender que, ao buscarem um espaço de formação como o PVPPP, essas mulheres negras trazem como expectativa a mobilidade econômica e a ânsia pelo direito de “ser mais”, como nos provoca Paulo Freire (2014). De acordo com o material construído e a bibliografia estudada, o PVPPP contribuiu para a inserção do grupo de mulheres negras da pesquisa no ensino superior, mas, para além disso, elas o apresentam como espaço de acolhimento, solidariedade, possibilidade de acesso a conhecimentos negados, a espaços culturais, de direito à cidade, bem como o direito a construírem maior autoestima e amor-próprio.

Por fim, estudar as lutas pelo direito à educação da população negra, tanto no nível de questões macro como microsociológicas, nos parece uma questão central na educação popular e nos movimentos sociais. Sobretudo pelo caráter histórico da Educação Popular, que nasceu e se consolidou articulada aos diferentes movimentos sociais, sempre buscando uma pedagogia de luta como possibilidade de (auto)formação e de afirmação dos sujeitos populares, homens, mulheres, jovens e crianças, como sujeitos políticos, autônomos, solidários e criadores *de mundos no mundo*.

Referências

- ARROYO, M. Os movimentos sociais reeducam a educação. In: ALVARENGA, M.S. (Org.) **Educação Popular, movimentos sociais e formação de professores**: outras questões, outros diálogos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Cap. Parte 1, p. 30-45.
- BARBIER, R. A escuta sensível em educação. **Revista da ANPED – Cadernos ANPED**, Caxambu, n. 5, 1993.
- EVARISTO, C. **Olhos D'água**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 57.ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2014.
- HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- KAUFMANN, J.C. **A entrevista compreensiva**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. 1.ed. Paris: Seuil Gallimard, 1995.
- ESTEBAN, M.T ;TAVARES, M.T.G. Educação Popular e a Escola Pública: antigas questões e novos horizontes. In: STRECK; ESTEBAN, M.T. **Educação Popular: Lugar de construção Coletiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.